

# PORTUGUESES CHEGAM AO JAPÃO NA FASE FINAL DAS GUERRAS FEUDAIS

José YAMASHIRO

*Com certeza era uma época em que todo o povo (japonês) sonhava com a unificação (pacificação) do país. E todos acarinhavam o sonho...*

*Tatsusaburo Hayashiya, historiador japonês.*

Havia passado por ali um violento tufão que durou um dia e uma noite. Na calma e fresca manhã do dia seguinte, moradores da aldeia de Nishi, na ilha de Tane (Tanegashima), situada ao lado sul do estreito de Osumi, extremo meridional de Kyushu, encontraram, entre surpresos e curiosos, ancorada na pequena enseada uma misteriosa e grande embarcação, com mais de cem pessoas a bordo. Na realidade tratava-se de um juncos. Os tripulantes, de fisionomias absolutamente estranhas aos japoneses, falavam uma língua incompreensível. O barco tinha naufragado ali, acossado pela tempestade, quando navegava da colônia lusa de Macau para a cidade-porto chinesa de Cantão. Era o dia 23 de setembro de 1543.

O estranho navio atraiu logo numerosos aldeões. O chefe destes, de nome Oribenojo, que sabia ler, estabeleceu um diálogo com um passageiro chinês, chamado Goho, por meio da escrita kanji - a ideografia chinesa, que é usada pelos nipônicos, adaptada para o seu idioma. Na falta de papel, escreveram com uma bengala na areia da praia.

"- Que gente estranha é essa"?, perguntou Oribenojo a Goho.

"- São comerciantes da raça namban," respondeu o chinês.

"Parece que conhecem - prosseguiu Soho - o significado moral do relacionamento entre senhor e súditos, mas nunca vi um que tenha noção de etiqueta. Por isso tomam bebida em copo, mas não oferecem aos outros.

Comem com as mãos, sem hashi. Agem seguindo seus desejos. Desconhecem a escrita. Tal como os nossos mercadores, eles também trocam mercadorias de que dispõem com outros que delas precisam. Contudo, é gente merecedora de confiança."

Depois da rápida conversa, Oribenajo julgou necessário levar a presença dos estrangeiros ao conhecimento do senhor da ilha. Continuando a escrever na areia, indicou ao chinês que fossem até o porto de Akaogi, onde residia o suserano de Tanegashima. Explicou que em volta do porto, que contava com bom comércio, moravam milhares de habitantes.

Oribenajo informou o jovem daimio da ilha, Tokitaka Tanegashima (1528 - 1579) sobre o que estava acontecendo na aldeia de Nishi. Por ordem de Tokitaka, o junco foi conduzido ao porto de Akaogi, rebocado por dezenas de pequenas embarcações. Nessa cidade encontrava-se o monge budista de nome Chushuja, muito culto, que trocou informações com Goho, desta feita usando pincel e papel. Este diálogo foi muito importante, pois o sacerdote ficou sabendo da existência de uma arma de fogo, trazida pelos tripulantes do barco. Era a espingarda.

O informante descreve a arma, fala do cano que mede entre 60 e 90 centímetros, da coronha e de outras peças. Quanto ao seu desempenho, diz que ao disparar solta uma luz ofuscante e o estrondo é tão forte como o trovão, forçando todos que ouvem a tapar os ouvidos. O impacto do disparo era tão forte que perfurava uma parede de ferro. O jovem (15

---

(\*) *Namban* - nome dado pelos chineses aos povos do Sul da China e adotado pelos japoneses. Portugueses, espanhóis e italianos que chegavam ao Japão, no período Muromachi (1336 - 1573), por essa região, como Sião (atual Tailândia), Luzon, Java, etc. também eram chamados namban ou *nambanjin*.

anos) senhor da ilha\*\* ficou impressionado com o poder destrutivo da arma - demonstrado na prática, depois de uma longa conversa com os portugueses.

Tokitaka insistiu e conseguiu comprar duas espingardas, pagando o preço exigido. Ele próprio começou a praticar o tiro ao alvo, com muita persistência e, em alguns dias, dominou a técnica do manejo da arma. A seguir mandou um ferreiro de sua confiança reproduzir a espingarda em quantidade.

São escassos os dados sobre a tripulação do junco mas, segundo os disponíveis, comandavam os portugueses, Antônio (Cristovam, segundo alguns autores) da Motta e Francisco Peixoto ou Zeimoto, conforme fontes diferentes. O chinês Goho, por sua vez, seria na realidade o contrabandista de nome Wochoku (Wang-Chih, em chinês) que, anos depois agiria como um grande chefe dos wakô (piratas japoneses que, segundo recentes pesquisas, eram em sua maioria chineses).

Tokitaka compreendeu o valor militar da arma de fogo. Outros daimios, que se encontravam em guerras freqüentes entre si, seguiram o seu exemplo sem perda de tempo, mandando produzir o poderoso teppô, como a arma ficou sendo conhecida em japonês, em quantidade cada vez maior.

\*

Agora tentaremos explicar de modo sucinto o tumultuoso período das Guerras Feudais (Sengoku Jidai -1467-1568),- em cuja fase quase final os lusitanos chegaram ao Japão e realizaram, através de missionários jesuítas uma significativa obra de catequização de japoneses e promoveram simultaneamente um intenso comércio internacional.

O Xogunato de Muromachi, fundado por Takauji Ashikaga (1305-1358) que durou de 1338 a 1573, ou seja 235 anos, caracterizou-se por quase permanente desgoverno, instabilidade política, agitação militar e inquietação social. Era a segunda dinastia xogunal, sucedendo à primeira, de Kamakura (1192-1333), regime de domínio absoluto

---

(\*\*) Na classe samurai, os jovens alcançavam a maioridade aos 15 anos da idade.

da classe dos samurais, criado pelo genial Yoritomo Minamoto (1147-1199). Nos seus quase dois séculos e meio de governo, o Xogunato de Muromachi enfrentou entre outras as seguintes graves crises:

- Takauji fundou o xogunato, derrubando o imperador Godaigo (1286-1339), e instalando no trono o imperador Komyo (1321-1380). O ato acabou provocando a chamada Guerra das Duas Cortes ou Guerra das Cortes do Sul e Norte, iniciada em 1331. Partidários de Godaigo e de Komyo travaram violentos combates em diversas regiões do território nipônico durante 61 anos, só terminando em 1392, no tempo do terceiro xogum, Yoshimitsu Ashikaga, neto do fundador Takauji. As duas cortes imperiais se reuniram numa só, com o imperador Gokomatsu no trono. Yoshimitsu conseguiu reorganizar e reforçar a autoridade do xogum e impor a sua vontade.

- Conflagração de Onin. Além de revoltas de chefes regionais e lutas entre daimios ambiciosos, ocorrem muitas disputas no seio da própria família do xogum e, ainda mais, atentados e assassinatos políticos. Facções diversas da corte do xogum se dividem em dois poderosos grupos antagônicos e irreconciliáveis, que acabam provocando a chamada Onin no Ran (Conflagração de Onin) que vai durar dez anos, de 1467 a 1477. Vejamos como aconteceu:

Uma complicada disputa sobre a sucessão do oitavo xogum Yoshimasa (1436-1490) e das duas famílias de kanrei (cargo que se poderia chamar de regente do xogum,), Hatakeyama e Shiba, redundou num tremendo conflito armado. Agravou-se mais a situação com a participação na guerra de dois poderosos chefes militares, os shugo-daimyo (governadores militares, nomeados para feudos estratégicos pelo xogunato): Katsumoto Hosokawa assume o comando do Exército do Leste e Mochitoyo Yamana, o do Exército do Oeste. A conflagração alastra-se por todo o país, que se divide em dois. Os furiosos combates travados em Kyoto destroem grande parte da metrópole imperial, inclusive valiosas obras de arte. Bandoleiros e incendiários tomam parte no nefasto trabalho de saque e destruição.

- O Sengoku Jidai. Prosseguindo a guerra nas províncias, caracteriza-se a situação do chamado Sengoku Jidai (Período de Guerras entre Feudos ou Guerras Feudais). Incontáveis combates são travados

entre feudos e grupos deles. Clãs contra clãs, ou elementos de mesmo clã ou mesma família se digladiam na disputa de poder e de terras. Quebra-se o princípio sagrado da hierarquia, esteio da moral samuraica. A subversão hierárquica se generaliza. Inferiores traem e passam por cima de seus superiores, matando-os ou superando-os pela força, visando o poder e a posse da terra.

O Período das Guerras Feudais prolonga-se da Conflagração de Onin até 1568. A chegada de portugueses a Tanegashima acontece quase final dessa sangrenta época da história do Japão.

- Tributação exageradamente pesada sobre lavradores, desorganização administrativa e as constantes guerras entre feudos criam tremendas dificuldades aos produtores do campo. Estouram muitos levantes camponeses. Entre 1426 e 1562 registram-se 55 sublevações de homens que lavram a terra e produzem alimentos. Em 1485, os camponeses da província de Yamashiro, liderados por proprietários de terra, conseguem expulsar os samurais em luta na região e organizam uma administração própria. Todavia, com a lenta porém firme consolidação do domínio samuraico, a rebelião agrária foi sufocada. O autogoverno dos agricultores durou apenas oito anos.

\*

De guerra em guerra, formam-se daimios mais poderosos entre os numerosos senhores feudais. Ampliando suas bases territoriais pela força das armas, surgem chefes militares que subordinam muitos daimios e comandam poderosos exércitos de dezenas e até centenas de milhares de homens. Eles buscam alcançar Kyoto, a metrópole imperial, e derrubar o xogunato, a fim de assumir o poder nacional. Nobunaga Oda (1534 -1582) é o primeiro a realizar a proeza, expulsando de Kyoto, Yoshiaki, o décimo quinto e último xogum da linhagem Ashikaga (1573). Isso foi feito depois de Nobunaga ter vencido poderosos adversários e concorrentes em memoráveis batalhas, nas quais demonstrou sua extraordinária genialidade de estrategista e chefe militar duro e violento, decidido a alcançar seus objetivos a todo custo.

Contudo, mesmo depois de derrubar o xogunato Ashikaga, restava ainda eliminar algumas forças de chefes militares concorrentes e até uma poderosa seita budista chamada Ikkô, apoiada por proprietários de terra e militarizada, que se opunha a Nobunga.

Na batalha de Nagashino (1575) aliou-se a leiyasu Tokugawa e colocou 3.000 ashigaru (soldados a pé, samurais do mais baixo escalão) armados de mosquetes contra as forças do famoso chefe militar Katsuyori Takeda, que tinha à frente uma aguerrida cavalaria, e as destroça. O feito de Nobunaga ficou célebre na história do Japão, pois pela primeira vez se empregava estrategicamente a arma de fogo em grande escala, decidindo a sorte de um confronto armado decisivo.

Nobunaga Oda prossegue sua marcha avassaladora na região de Chugoku (Honshu Ocidental), conquistando mais vitórias, porém é traído e morto por um seu general, Mitsuhide Akechi, no Templo Honno de Kyoto, onde pernoitava. Morreu lutando.

Cabe a Hideyoshi Toyotomi (1536 -1598), a tarefa de continuar a campanha de unificação nacional. Filho de simples *ashigaru*, era tão feio que tinha a alcunha de *Sarumen Kaja* (Jovem Cara de Macaco). Entra para o serviço de Nobunaga e realiza uma espetacular carreira militar. Na ocasião da morte do seu chefe, comandava o cerco ao prestigioso clã Moori de Chugoku. Estabelece uma trégua com o inimigo e volta-se, sem perda de tempo, contra Mitsuhide, para vingar o seu chefe. Derrota-o e mata. Seu prestígio como chefe militar e político, que já era grande, sobe mais.

Depois de vencer outros poderosos chefes militares, conquista o almejado poder supremo. Não funda um novo xogunato, governa na qualidade de ministro do imperador, porém, com títulos pomposos: Kampaku, (Conselheiro-chefe do imperador) e logo a seguir *Daijo-Daijin* (Ministro-Presidente ou Ministro-Chefe).

Nobunaga e Hideyoshi eram além de grandes estrategistas militares, reformadores político-administrativos de visão ampla. Na impossibilidade de mencionar aqui todas as importantes medidas práticas tomadas, citaremos duas de grande significado: a ordem de limitar a posse de armas à classe samurai e a adoção do padrão único de medida de áreas de terras agrícolas em todo o país (até então cada daimio adotava arbitrariamente o seu.)

Aqui nos limitaremos a informar que a ambição de Hideyoshi levou-o a promover até duas malogradas invasões à Coréia.

Em resumo, a política adotada pela dupla Oda -Toyotomi visou a criação de um regime feudal unificado em escala nacional. Abre-se o caminho para o terceiro grande chefe militar da época, Ieyasu Tokugawa (1542-1616), que realiza a obra de consolidação do regime feudal centralizado, com a fundação do terceiro e derradeiro Xogunato: o de Edo (1603 -1867), atual Tóquio.

\*

O padre jesuíta Francisco Xavier (1506-1552) é muito conhecido por ter sido o primeiro missionário a pregar o cristianismo no Japão. Um dos fundadores da Companhia de Jesus, ao lado de Ignatius Loyola, sua história pessoal é um paradigma de dedicação e sacrifício pela pregação da fé católica. Inteligente e arguto, percebeu logo ao chegar a Kagoshima, onde desembarcou em 1549, que o japonês era um povo civilizado e culto, embora de padrão diferente do ocidental. Essa percepção, serviu de base para a sua eficiente atuação no território nipônico, assim como de seus correligionários que foram chegando.

Os portugueses, com base na colônia de Macau (China), estabeleceram um lucrativo intercâmbio comercial com diversos daimios de Kyushu (alguns deles se converteram ao cristianismo) pela porta de entrada de Nagasaki. Em seguida, o avanço comercial luso se estende a outras regiões.

O cristianismo progride inicialmente sob o governo Nobunaga, que nutre muita curiosidade e interesse em conhecer o mundo ocidental. Continua em expansão no tempo de Hideyoshi, igualmente impulsionado pelo desejo de saber tudo do mundo exterior. Mas, em 1587, de surpresa, baixa um édito expulsando os missionários do território nipônico. Entre os argumentos que usou na ordem de expulsão, destacam-se:

- Coibir a transmissão de doutrinas heréticas de países cristãos, a uma nação de deuses, o Japão;
- Condenar a destruição de santuários xintoístas e templos budistas pelos cristãos convertidos e defender as leis do país;

- Os navios mercantes estão excluídos da medida, já que eles vêm para prática de comércio legal.

Acontece que, a essa altura, existem católicos japoneses nas mais diversas classes, inclusive entre membros de alto escalão da corte de Hideyoshi. É portanto até natural que surgisse tenaz resistência ao édito de expulsão dos missionários.

E como o comércio prosseguiu, os lusos vendiam armas de fogo, pólvora, fio de seda trazido da China, etc. e compravam, entre outros produtos, prata japonesa, em fase de plena produção no século XVI.

Os comerciantes lusos negociavam com os daimios de Kyushu, (que também lucravam), obtinham bons lucros e apoiavam as atividades dos missionários.

Convém observar que se tratava da primeira vez que o poder central intervinha na obra catequizadora dos padres. Até então, as relações com os religiosos e comerciantes portugueses estavam sob a jurisdição dos daimios, principalmente os de Kyushu.

Prossegue o comércio internacional, denominado *Namban Boeki*, porquanto se restringia, então, aos ocidentais que procediam do Sudeste, recebendo estímulo de Hideyoshi e, depois, de Ieyasu Tokugawa, o fundador do Xogunato de Edo, como já visto.

No campo religioso, missionários em número crescente, de outras ordens além da Companhia de Jesus, exercem o proselitismo em amplas regiões do território japonês.

\*

Entretanto o chamado Século Cristão termina bruscamente quando o Xogunato Tokugawa baixa uma drástica lei de expulsão de estrangeiros (1639) - religiosos, comerciantes e todos os demais alienígenas. Japoneses ficam proibidos de sair do país e os que se encontravam no exterior, impedidos de voltar à terra natal. Os infratores são implacavelmente condenados à morte. É a chamada política de Sakoku (Fechamento do País), que isola o país do resto do mundo, deixando aberta apenas a feitoria holandesa de Dejima, em Nagasaki, que

funcionava também para o comércio com a China, controlado pelo xogunato.

\*

A presença lusa traz uma nova marca à tradicional civilização do velho Yamato, com a introdução da chamada *Kirishitan Bunka* - Cultura Cristã - nome que abarca a cultura ocidental, introduzida principalmente através do cristianismo. Ocupam papel predominante a literatura e artes plásticas de caráter religioso. Ingressam ainda a medicina ocidental, a astronomia, geografia, arte da navegação, agrimensura, arte da construção de castelo-fortalezas. Acrescente-se ainda a influência na concepção da moral e do universo, na língua e costumes dos nipões.

Podemos afirmar portanto que os lusitanos lançaram as primeiras sementes da cultura ocidental no país dos samurais. Tivessem ou não os protagonistas nipônicos e portugueses da época noção ou compreensão do drama histórico que viviam, o fato é que se registrou uma significativa ruptura na cultura e civilização do velho Yamato.

Fontes: *Tenka Ittô* (Unificação Nacional), de Tatsusaburo Hayashiya, vol. 12 da coletânea *Nihon no Rekishi*, (História do Japão), de 26 vols., Editora Chuo Koron-sha, Tóquio, 1966; *Sakoku*, (País Fechado), de Seüchi Iwao, vol. 14, da mesma coletânea; *Porutogaru Burajiru Bunka* e no Sasoi, (Introdução às Culturas Portuguesa e Brasileira), de Yasuhiko Sano, Editora Dohosha, Kyoto, 1983; *Namban jin no Nippon Hakken* (A Descoberta do Japão pelos Bárbaros do Sul), de Küchi Matsuda, Editora Chuo Koron-sha, Tóquio, 1982; *Nihon-shi Jiten* (Dicionário da História do Japão), de Mitsuhisa Takayanagi e Rizo Takeuchi, Editora Kadokawa, Tóquio, 1985; e *Shosetsu Nihon-shi* (História do Japão Bem Explicada), destinada aos estudantes colegiais, de Susumu Ishii, Kazuo Sasahara, Yukita Kodama, Haruo Sasayama e mais oito professores, Editora Yamakawa, Tóquio, 1999. *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa*, de Armando Martins Janera, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1970; **Choque Luso no Japão dos Séculos XVI e XVII**, de José Yamashiro, Editora IBRASA, São Paulo, 1989.